

A Outra Face da Modernidade: A Obscuridade do Projeto Moderno

Walmir da Silva Pereira

Sobre o autor

Pós-Graduando em Antropologia Social - UFSC

"Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor -mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos."

Marshall Berman

"A 'exibitio' da era burguesa multiplicava ainda mais suas formas de aparição. Décadas antes, quando ferrovias surgiram, houve quem nelas cresse como condutos da paz, espécie de versão primeira da atual teoria acerca do poder de dissuasão das armas nucleares."

Francisco Foot Hardman

O trem fantasma (A modernidade na selva)⁽¹⁾, se apresenta como uma produção de fôlego, criativa e manifestando uma atualidade contundente no âmbito da modernidade histórica - contemporânea - da sociedade brasileira. A obra, apresenta inicialmente como tese acadêmica - dissertação de doutorado do autor na USP em 1988 - na área de Filosofia, recobre satisfatoriamente diversos campos de saber das ciências humanas.

O cenário é preciso: a Amazônia, melhor dito, a selva amazônica de fins de sc. XIX e início de séc. XX. A intenção é decidida. Por um lado, realçar o "espetáculo" trágico da "exibitio" burguesa proporcionado pelo neocolonialismo capitalista; por outro lado, evidenciar o processo de universalização do comércio entre nações e as inovações técnicas, espécie de "delírio progressista arquetípico", patrocinados pelo ardor racionalista cartesiano.

A obra do autor, traz a tona uma das dimensões mais visíveis e trágicas das formas de ocupação da selva ao longo dos tempos: o grande número de zumbis que surge nos povoados e vilas que se formam durante as várias fases e tentativas frustradas de ocupação do espaço amazônico. De acordo com L. Rodrigues, nesses casos se cria um tipo de "subsistema da aventura"⁽²⁾. Subsistemas da aventura humana que na Amazônia tem mais de um século, é o que ilustra Trem Fantasma. Com efeito, no final do séc. passado e no limiar deste, homens de todos os lugares do mundo, formando uma autêntica "legião universal" a serviço do capital, foram literalmente jogados na região durante o período de realização dos trabalhos de construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré.

Tal projeto, coerente em sua lógica imediatista e privilegiadora de um homo economicus, apesar de, indubitavelmente, destituído de sentido racional numa ótica de caráter humanista, evidencia com clareza o imaginário burguês do período, atestando o sonho delirante das elites brasileiras que foi a construção da Madeira-Mamoré, espécie de versão a la Fitzcarraldo do que vem ocorrendo hoje com a garimpagem nos Estados da Amazônia Legal.

Ironicamente acabamos nos deparando com um traçado moderno, face obscura da modernidade, tanto a nível do passado longínquo como do momento presente. A modernidade na selva apreende um exército de nômades, que encontramos vagando errante ao longo do território devido ao esgotamento dos veios nos garimpos, a expropriação violenta da terra sofrida pelos camponeses e a triste desagregação cultural - etnocídio empreendido contra as comunidades indígenas que habitam a região.

No cap. II, temos uma visão instigante acerca da representação da sociedade sobre o processo de troca e a presença da técnica, espelhada no maquinismo, afirmada como espetáculo-mor atuante no cenário das grandes exposições universais. Já no cap. III, apresentam-se elementos cabais de que o movimento simultâneo e internacional de constituição da sociedade capitalista, enquanto sociedade produtora de mercadorias, é um dos traços definidores da

modernidade. No cap. IV, o autor acaba realizando uma homenagem aos escritores Neville Craig e Manoel R. Ferreira, primeiros "arqueólogos" da Madeira-Mamoré. Nesse capítulo, a narrativa caminha no sentido de esboçar o traslado dos espaços da metrópole à selva amazônica. "O pressuposto é de que a vertigem fantasmagórica do homem moderno possui um mesmo fundo, tanto nos "centros" quanto nas "periferias do sistema"(p.17). Nos dois cap. seguintes, V e VI, focaliza-se o drama ferroviário da Madeira-Mamoré através da reconstrução histórica da tragédia humana em que se constituiu a aventura moderna na Amazônia. De acordo com o autor, trata-se de lançar "apenas fochos esporádicos de luz sobre aquela era extinta, fogos-fátuos de uma memória coletiva irreversivelmente soterrada"(pág. 17).

O livro de Hardman, nos põe em contato nù com uma das inúmeras raízes de distorções históricas do processo que envolve a modernização brasileira. Nele encontramos a "aventura moderna", representada pela vã tentativa de implantação de uma estrada de ferro - a "ferrovia do diabo" - em plena selva amazônica, espelhada em sua face de unidade contraditória. Uma face oculta de modernidade, se desvela tão pronto alude-se à trajetória inútil percorrida pelo empreendimento. Imagine-se a construção-efetivação de uma obra que tempos depois viria a ser desativada, passando a se constituir em mera atração turística acidental; não sem antes deixar marcas profundas na história social do País: a morte brutal de milhares de trabalhadores sob seus trilhos nas suas distintas fases de implantação (1878-1879, 1907-1912).

Na realidade, o autor pretende argumentar, a partir de um ponto de vista lógico e através de uma narrativa histórica-literária, que no desenrolar dos vários capítulos que constituem o livro "cada escala é feita um ponto extremo, seja no sentido geográfico, seja sobretudo no histórico, situações limites da experiência humana, desteros involuntários que podem ser lidos como metáforas da história moderna e contemporânea, ali onde as fronteiras entre vida nacional e mundial já foram de há muito postas em xeque" (pag. 13).

O fio condutor da modernidade a bordo do Trem Fantasma é significativo, impressionando ao crítico-leitor ligado à problemática fulcral que permeia a análise levada a cabo por Hardman. A impressão que se têm, terminada a leitura do livro, e ao coteja-la com texto já clássico de Tudo que é Sólido Desmancha no Ar, é que o primeiro consegue a façanha de realizar num contexto particular a empreitada teórica idealizada por M. Berman a nível generalizante. Nesse sentido me parece que Trem Fantasma - A Modernidade Na Selva- pode ser compreendido como um exitoso exercício intelectual e criativo de análise, a um espaço-temporalidade concreto a partir do referencial analítico-conceitual contido em nível lógico e um tanto abstrato de Tudo que é Sólido Desmancha no Ar.

Por sua vez, o livro de Berman pode ser interpretado como um esforço lógico, ao mesmo tempo que consiste argumentativamente em termos literários, de síntese envolvendo "tempos modernos" onde a modernidade, de ontem e a atual, é vista, retratada em sua

plenitude-potencialidade criativa- enquanto infinitude dialética de natureza processual e contraditória. Conforme o autor, "a experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e racionais, de classe e nacionalidade, de região e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, "tudo que é sólido se desmancha no ar" (pág. 15)⁽³⁾.

Ora, no caso de *Trem Fantasma - A Modernidade Na Selva* - as identificações e correlações manifestadas com a problemática da modernidade encontram-se no cerne de todo o desenvolvimento textual da obra. Assim que, a começar pelo título do livro, passando pela forma de apresentação das notas e estilos da escrita, alcançando a própria formação do autor - Hardman desfila ao longo de sua narrativa sólidos conhecimentos nas áreas de teoria literária, filosofia e ciência política, mostrando-se com, praticamente, a mesma formação acadêmica do autor norte-americano- tudo conspira contribuindo ao vínculo de natureza teórica indicado

Em síntese, como balanço final pode-se afirmar que a importância futura de *Trem Fantasma* para uma discussão crítica sobre a "moderna tradição" do País é capital. Com um olhar atento e conhecimento histórico preciso o autor identifica, já na década de 70 do séc. passado, as primeiras preocupações dos intelectuais nacionais com a problemática da modernidade em solo tupiniquim. Vide a respeito, menção à presença brasileira ao lado das principais nações europeias no cenário das grandes exposições universais, é dizer, "estão se introduzindo nas "culturas brasileiras", pelo menos a partir dos anos 70 do séc. XIX, temas e percepções pertinentes ao universo do modernismo".

Num outro prisma, a *Modernidade Na Selva* carrega consigo uma homenagem ao trabalho, rendendo louvores aos viajantes e nômades da aventura amazônica; aos que lá jazem em nome de uma história sem glória, marcas profundas de uma face obscura, por vezes negada por vezes esquecida, da modernidade. E mister um registro de caráter histórico: Para a execução dos trabalhos de construção da Madeira-Mamoré foram trazidos e mobilizados operários em todos os confins da terra: antilhanos, austriacos, belgas, cubanos, índios americanos, italianos, húngaros, russos e outros milhares de distintas nacionalidades. Seres humanos, homens e mulheres, que através do labor cotidiano doaram suas vidas em prol de uma modernização erigida mais em torno de fantasmas e sonhos delirantes de modernidade do que sobre uma realidade concreta existente.

Nesses termos, a obra de Hardman é digna de ocupar um lugar destacado na produção crítica das Ciências Sociais nacional, merecedora da exitosa acolhida que vem tendo junto ao público. Antes de mais nada, é narrativa que se constitui num autêntico romance internacional do trabalho; elogio incontido ao internacionalismo

proletário, **Trem Fantasma - A Modernidade Na Selva** pode tranquilamente ser lido como um resgate do universalismo da classe produtora das riquezas materiais da sociedade - e aos seus artífices: os trabalhadores.

Notas

- (1) A publicação do livro de Hardman, merece considerações elogiosas a respeito. Primeiramente, é preciso acentuar que tal obra é bem escrita. De leitura prazerosa e que nos emociona, contém considerável documentação histórica; sendo construída em cima de uma abordagem crítica interdisciplinar inteligente e sensível, o que mostra que a lógica do mercado não é, necessariamente, incompatível com os critérios acadêmicos de qualidade e relevância intelectual.
- (2) O autor se refere a vários subsistemas, os quais se encontram presentes na Amazônia brasileira: "subsistemas da permanência e do retorno", "subsistema mercantil" - o da aventura comercial - "subsistema da integração nacional". Procura evidenciar a superposição desses subsistemas durante a história de ocupação regional. (Rodrigues, 1986: 446)
- (3) 'Tudo o que é sólido e estável se volatiliza', antecipam Marx e Engels no Manifesto de 1848, que pode ser lido nesse sentido como um primeiro manifesto modernista. A frase insere-se plenamente no contexto histórico das revoluções européias que constituem seu pano de fundo. Vincula-se a um universo construído pela burguesia "a sua imagem e semelhança". Nesse plano, a expressão parece metaforizar o impacto das mudanças políticas em curso, os efeitos devastadores do choque entre forças sociais inconciliáveis, a desordem no âmbito da produção de valores materiais/espirituais, as inversões e rompimentos, enfim, nos atributos e alicerces da cultura.
Há, contudo, um outro sentido nesse texto que nos remete de forma quase descritiva e imediata ao plano das percepções fenomênicas, dando conta de uma certa maneira como as coisas vêm sendo apreendidas e representadas, de um clima mental em que a instabilidade passa a ser a marca permanente e identificadora da vida do homem - esta espécie de nomadismo civilizado correndo atrás de oásis fugazes -, desde que o espaço próximo converteu-se no lugar maior do estranhamento e o tempo pulverizou-se em instantes inacessíveis. (Hardman, 1988: 26-27).

Bibliografia

- Berman, Marshall. Tudo que é Sólido Desmancha no Ar. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- Hardman, Francisco Foot. Trem Fantasma (A Modernidade na Selva). São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- Rodrigues, Lélío. Carajás - Desafio Político, Ecologia e

Desenvolvimento. Brasília/São Paulo, CNPq/Brasiliense, 1986.